

A imagem é hoje uma ferramenta de desatenção. Quanto mais imagens conseguimos devorar, mais imagens acabamos por esquecer. Se nossa capacidade de armazenamento é aparentemente muito elástica, a memória ativa guarda apenas uma quantidade limitada de informação. O resto vai para a vala comum do esquecimento. Rosângela Rennó vem revirar esse cemitério e seus mortos.

Desde as primeiras obras, seu objetivo não era somar imagens ao nosso repertório estético, mas se apropriar de um repertório anônimo existente, que deveria ter funcionado como memória afetiva de alguém sem que o espectador pudesse identificar de quem seria. O exercício proposto é justamente aquele que faremos ao tentar afastar a névoa de uma lembrança exilada há muito tempo: como era mesmo o seu rosto?

O anonimato fotográfico permaneceu como questão ao longo de uma produção que percorreu álbuns de família, retratos 3 x 4, imagens de jornal e de arquivos e textos alusivos à fotografia. Mas, ao invés de identificarem, as obras de Rosângela apagam a diferença entre as pessoas, justamente por elaborarem as técnicas de massificação. Nada identifica mais um modelo do que o outro: todos são intercambiáveis, como nos jogos de Rosângela.

A dimensão social do anonimato fotográfico é uma preocupação constante da artista, que mostra os mecanismos institucionais de dissociação entre memória e imagem. Em vez de pessoas, Rosângela apresenta nosso hábito adquirido de lidar com tipos. Característica de nossa memória desatenta, acabamos por esquecer a visão por mais que insistamos: o esquecimento é consequência dos modos instituídos de guarda de nossa memória oficial.

Felipe Chaimovich / nov.96

Texto de apresentação do livro Rosângela Rennó, publicado pela EDUSP em 1997
Publicado no catálogo da exposição *Sexta Bienal de la Habana - el individuo y su memoria*
(Paris: Association Française d'Action Artistique, 1997, pg. 117)